

A Comunidade Muçulmana em Juiz de Fora

Jayme Almeida Schmitz



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1899>

DOI: 10.4000/pontourbe.1899

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Jayme Almeida Schmitz, «A Comunidade Muçulmana em Juiz de Fora», *Ponto Urbe* [Online], 2 | 2008, posto online no dia , consultado o 28 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1899> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1899>

Este documento foi criado de forma automática no dia 28 julho 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

A Comunidade Muçulmana em Juiz de Fora

Jayme Almeida Schmitz

- 1 Esta pesquisa foi realizada entre agosto de 2005 e agosto de 2006, financiada pelo CNPq e pela UFJF - com uma bolsa de Iniciação Científica -, utilizando como metodologias a observação participante e entrevistas de profundidade para conhecer melhor a comunidade muçulmana em Juiz de Fora. Para fins de formação teórica, foram consultados vários livros de Sociologia e Antropologia das Religiões, enfatizando o Islamismo. Desde o fim da pesquisa de campo e até o presente momento, foram feitas reflexões acerca das conclusões desse trabalho, aqui contidas
- 2 A Sociedade Beneficente Muçulmana de Juiz de Fora localiza-se no Centro Comercial da cidade, ponto de grande circulação de pessoas, em sua maioria comerciantes, estudantes e moradores da região. A SBM está instalada em uma loja comercial dentro duma galeria, onde ocorrem as tradicionais reuniões - às sextas-feiras em horário de almoço- além de outros eventos ao longo do calendário muçulmano. O islamismo em Juiz de Fora, constitui, assim como no restante do Brasil, uma religião “quase étnica” (PEREZ; 2003), por ter chegado ao Brasil com a vinda dos libaneses, instituindo-se como uma religião restrita ao cunho pessoal e familiar e abrindo-se, mais recentemente, para a conversão de fiéis.
- 3 De fato, isso é um reflexo da busca por espaço em um “mercado religioso”. Na maioria das entrevistas que fizemos ficou claro que a divulgação da religião para a comunidade juizforana é feita na forma mais passiva de proselitismo. Há uma transparência muito grande ao fazer a divulgação da loja por meio de cartazes e mensagens afixados nos vidros da própria loja, com os muçulmanos encarregando-se de divulgar as características do Islã para aqueles que entram na “mesquita”¹ em busca de informação. A comunidade atualmente possui 70 membros, entre ativos e não-ativos, que serão descritos posteriormente. A maioria, mas não a totalidade, é de brasileiros convertidos ao Islã. A “mesquita” conta com um Sheik que comanda as preces da reunião de sexta-feira e ministra aulas de árabe e teologia muçulmana em outros dias da semana. Ele é de origem moçambicana e parece estar na cidade há pouco tempo. O

Sheik também costuma receber as pessoas novas que se interessam pela religião, normalmente convidando-as para entrar e conhecer a “mesquita” e assistir às orações.

- 4 A SBM em estudo mantém contatos com outras mesquitas - principalmente a de Belo Horizonte, Minas Gerais, por sua proximidade - além de outras comunidades, mesmo as que não têm ainda um espaço devidamente reservado para a reunião dos muçulmanos, a exemplo da comunidade de Varginha, para que sejam angariados recursos para a construção ou aquisição do mesmo.

O Processo de Conversão

- 5 Devido à sua localização privilegiada, como descrito acima, e pelo horário das orações, a “mesquita” é bem visível aos olhos dos cidadãos que passam pela galeria onde se localiza. Os cartazes chamam a atenção para a identificação do local como um lugar onde as pessoas podem conhecer a religião islâmica e perder os preconceitos com relação a essa crença.
- 6 Apesar do processo de conversão ter se iniciado bem antes, foi possível perceber com as entrevistas e os documentos a nós mostrados, que muitos dos convertidos conheceram a “mesquita” ao procurar saber sobre a religião após os últimos acontecimentos nas relações internacionais, como o “11 de Setembro” e a Guerra no Iraque.
- 7 Presenciamos o processo de conversão de três pessoas à religião. Primeiramente, há de se fazer menção a uma categoria nativa, pois ao invés da expressão conversão, os muçulmanos utilizam o termo “regressão”. Isso se deve a um argumento dos próprios fiéis ao dizerem que, partindo do pressuposto que todos nascemos submissos a Deus e que Islã significa “submissão” (a Deus - ou Al-Lah), háveria, de fato, uma “regressão às origens” do homem. Notamos uma diferença fundamental entre a primeira e a segunda conversão presenciadas. Enquanto na primeira o converso - um senhor de quase 70 anos - demorou a participar das orações (cerca de um mês e meio), fazer as prostrações e outros rituais que cercam a religião, na segunda, de um jovem artista plástico de 20 e poucos anos, já na semana seguinte à pronúncia da Shehadah (uma declaração da fé no Deus único e no Profeta Maomé, conceito explicado no capítulo sobre o Islã do livro Em Nome de Deus, de Karen Armstrong (2001), participava das orações. Isso talvez se deva a um maior conhecimento da religião que o segundo teria a priori, como o próprio converso afirmou numa conversa informal: que já buscara saber da religião antes de vir procurar a “mesquita”. O terceiro caso foi semelhante ao segundo: a conversão de uma jovem mulher de 25 anos, com quem não tivemos oportunidade de fazer a entrevista de profundidade.
- 8 A estratégia básica da SBM é atrair potenciais fiéis com os cartazes mencionados acima. Quando é notado o interesse em entrar na “mesquita” J., o brasileiro convertido, e o próprio Sheik são os primeiros a receber a pessoa. Foi como aconteceu no primeiro dia em que fomos à “mesquita”, sendo muito bem recebidos pelo Sheik ao explicar-lhe que estávamos lá para fazer uma pesquisa para a Universidade Federal de Juiz de Fora e que queríamos conhecer a religião e o templo. Assim que demonstra interesse pela religião, a pessoa é prontamente convidada a entrar e assentar-se para assistir às orações. Durante nossa pesquisa, Luciano e eu observamos várias pessoas que visitaram a “mesquita” para assistir a uma pré-dica : professores, estudantes de jornalismo. Para minha surpresa, muitas mulheres. O processo continua com o convite à pessoa para que

volte a fim de assistir mais prédicas ou, ainda, para assistir às aulas de árabe ou de teologia ministradas pelo Sheik. Isso cria uma sensação de familiaridade necessária para que a pessoa se sinta à vontade para escolher o momento certo de recitar a Shehadah, sendo, parece-nos, indispensável, a participação de outros convertidos anteriormente na concepção dessa atmosfera familiar. A partir da conversão, inicia-se um processo de aprendizado sobre a teologia muçulmana, além do suporte para o aprendizado de árabe, língua em que o Alcorão foi escrito e também em que uma parte da prédica e todas as orações são pronunciadas.

Os convertidos “ativos”

- 9 Convertidos “ativos” são os que participam da maioria das reuniões de sexta-feira, além das outras atividades promovidas pela SBM. Ou, ainda, os próprios membros da comunidade. É necessário fazer essa distinção, pois apesar de contar atualmente com 70 membros aproximadamente, a maioria convertidos, a “mesquita” registra nas reuniões às sextas-feiras, uma frequência de 15 a 20 membros, lembrando que essas reuniões são obrigatórias para homens e facultativas para mulheres e crianças. Portanto, se contarmos aqueles que têm sua presença garantida em quase todas as reuniões, chegaremos a um número de 12 a 15 membros convertidos. Estes são aqui denominados “ativos”.

Os convertidos “ativos” que fazem o “proselitismo”

- 10 Como visto acima, a atuação daquele que se converteu anteriormente, além de se dedicar à religião é também facilitar a integração dos interessados na comunidade muçulmana. Ao transmitir sua experiência de conversão, o “brasileiro” (aqui entre aspas por também ser uma categoria nativa) também transmite sua experiência religiosa: um testemunho sobre o que mudou em sua vida e como ele se sente agora que descobriu sua religião. São esses “brasileiros” que também ressaltam as maiores qualidades da religião e se mostram muito felizes quando alguém demonstra interesse ou o desejo de se converter ao Islã. Normalmente, quatro desses “brasileiros” ficam encarregados de mostrar ao interessado os livros islâmicos, as formas de prostração, as vantagens de se tornar muçulmano e o restante da comunidade. Não importando se esses convertidos participam ou não do processo de conversões de algum modo, eles ficam felizes com a entrada de novos membros na comunidade, pois, para eles, é excelente que a religião cresça e espalhe sua mensagem com mais facilidade.

Os demais convertidos “ativos”

- 11 Nem todos os convertidos ativos participam do processo de abordagem para novas conversões. Nessa categoria se incluem as mulheres, os convertidos mais recentes e outros que por alguma razão deixam essa parte para os quatro “brasileiros” mencionados anteriormente. Todos participam das preces e dos outros eventos, e

alguns chegaram até a conversar conosco, uns de maneira mais tímida, outros mais desinibidos, querendo saber o que fazíamos ali e por quê não orávamos também. Como há uma estrutura organizacional na SBM, pode ser que este seja o motivo de eles não participarem do proselitismo ou, as funções deles sejam outras, e preferiram deixar a parte da conversão com os incumbidos dessa tarefa.

Os convertidos “não-ativos”

- 12 Os convertidos “não-ativos” são aqueles que por alguma razão não são assíduos às reuniões e/ou nas atividades promovidas para a comunidade. Nesse caso, J., que cuida da parte de documentação e estruturação da “mesquita”, nos explicou, por observarmos apenas uma frequência de 20 pessoas/reunião, que há membros da comunidade que trabalham ou moram distantes de Juiz de Fora, dificultando a presença em todas as reuniões. Existe um outro grupo, de convertidos em Juiz de Fora, cujos membros mudaram-se para outra cidade, mas que ainda permanecem registrados ali por ser este seu local de conversão. E, por último, J. admite que alguns indivíduos se convertem e depois abandonam a prática, ou aparecem esporadicamente, mantendo pouquíssimas relações com a comunidade.

Estratégias de Visibilidade Pública

- 13 Com a divulgação dos acontecimentos internacionais, a presença marcante de um “mercado religioso” e o aumento da busca por uma identidade cultural, o muçulmano passou a ser mais observado e também a querer ser observado na sociedade juizforana. As meninas e as mulheres muçulmanas costumam usar o véu quando saem à rua, inclusive ao irem trabalhar ou estudar. Não deixa de ser uma estratégia de visibilidade por diferenciação cultural, ao provocar o estranhamento do outro. Entre os homens, alguns costumam usar nas orações um turbante e um chapéu tipicamente muçulmanos durante as orações, mas somente o Sheik e poucos adeptos andam assim trajados na rua.
- 14 Devido aos acontecimentos no Líbano, muitos muçulmanos, sírios e pacifistas saíram em passeata em 5 de agosto de 2006 para pedir a paz no Oriente Médio. Alguns membros da “mesquita”, como a muçulmana K., ainda possuem família nos locais dos ataques e temem pela segurança de seus familiares, ou no caso específico de K., da filha.
- 15 Outra estratégia de visibilidade envolve a imprensa local, com a divulgação da “mesquita” em matérias e reportagens. Esses casos, são vistos mais como oportunidade do que como iniciativa, pois a idéia da reportagem parte da própria imprensa. E, como já mencionado, a estratégia mais usada é mesmo surpreender as pessoas que passam pela galeria onde está instalada a “mesquita”, com cartazes anunciando sua localização e informando os transeuntes sobre a religião e a Sociedade Beneficente Muçulmana, ali presente.

Conclusão

- 16 Como visto, a comunidade muçulmana em Juiz de Fora era de cunho “quase étnico” e agora começa a crescer devido à presença marcante da religião na mídia. A SBM de Juiz de Fora parece estar buscando seu espaço em meio a um “mercado religioso” com táticas mais passivas de proselitismo e estimulando a curiosidade do ser humano em desvendar aquilo que lhe parece estranho. Ao que nos parece até o momento, esse espaço vem sendo conquistado com formas de expressão que a comunidade utiliza para poder demonstrar que está ali, e por isso continuamente recebe visitas de olhares surpresos e ao mesmo tempo curiosos para conhecer aquela religião. Em âmbito nacional, a SBM de Juiz de Fora sempre é representada por alguns de seus membros em congressos, viagens e eventos como a DAWA (em português, divulgação) -, uma reunião de muçulmanos de várias partes do país e do mundo para se discutir estratégias de divulgação da religião - e também estabelecendo contatos com outras mesquitas pelo país. Enquanto estivemos observando as relações na “mesquita”, presenciamos a visita de africanos, de um árabe e de um francês. É notória a hospitalidade dos membros dessa religião para com seus semelhantes, além da importância da língua árabe para essa religião, assim como a língua inglesa serve atualmente para encurtar distâncias e trespassar barreiras para a convivência nas diferentes esferas. A língua árabe serve para tentar melhorar a comunicação desses muçulmanos de várias partes do globo. Pudemos observar também que o Islamismo transforma o corpo do convertido a partir do momento que este ingressa na religião, de uma forma semelhante à formação do habitus de Pierre Bourdieu, já que transcende a característica entre o sujeito e o objeto. O convertido, que antes se via como um brasileiro, agora passa a se considerar um brasileiro muçulmano, tomando para si a responsabilidade de divulgar a religião para outras pessoas, como visto acima. A questão que se coloca aqui é: até onde a relação entre convertidos e “imigrantes” pode ser conflituosa ou não, já que muitas vezes a experiência que o convertido traz de outras religiões e de outros fatos que ocorreram em sua vida, pode dar novas perspectivas para a prática do Islamismo? E a mesquita aqui funciona como uma espécie de Instituição fundamental de educação para a moralidade, nos moldes durkheimianos de instituição polissêmica e complexa de uma sociedade com uma solidariedade do tipo orgânica. É importante realçar também que as relações que a comunidade muçulmana tem com aqueles que estão mais próximos da mesquita, mas que não fazem parte da religião, fazem parte de uma dinâmica sócio-cultural urbana, no sentido de que a propaganda com fins de proselitismo visa principalmente esse público que passa pela mesquita todos os dias. Além disso, há o fato de que a religião muçulmana ganhou muito destaque na mídia nos últimos anos, devido às notícias de ataques terroristas que afetam várias partes do mundo. No entanto, o que a mesquita em Juiz de Fora quer sustentar como mensagem é: não se busca ali nenhum tipo de violência, mas sim uma mensagem de renovação espiritual. Cabe aos convertidos essa tarefa de ligar a mesquita à sociedade juizforana, visto que os “imigrantes” procuram estar mais ligados aos rituais religiosos.

BIBLIOGRAFIA

- ARMSTRONG, Karen. 2001. *Em Nome de Deus: O Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- BERGER, Peter. 1985. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulus.
- BOURDIEU, Pierre. 1991. “La creencia e el cuerpo”. I: Pierre Bourdieu. *El sentido Prático*. Madrid, Taurus.
- BOURDIEU, Pierre. 2006. “O Camponês e seu corpo”. *Revista de Sociologia e Política*, 26. Curitiba.
- FRÚGOLI Jr., Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs). 2006. *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte, Editora PUCMinas e Edusp.
- GEERTZ, Clifford. 2004. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.
- PACE, Enzo. 2005. *Sociologia do Islã: Fenômenos Religiosos e Lógicas Sociais*. Petrópolis, Vozes.
- PEREZ, Vitória; MARIZ, Cecília. 2003. *Muçulmanos no Brasil Contemporâneo: um estudo preliminar*. Aprovado e aguardando publicação na revista *Tempo Social*.
- WACQUANT, Loïc. 2002. *Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

NOTAS

1. A partir de agora, no texto, utilizarei a palavra “mesquita” entre aspas, por ser um termo que os próprios membros utilizam para denominar o local de sua reunião. Como já visto, a “mesquita” é uma loja comercial no centro da cidade, e não uma construção tipicamente árabe.
-

AUTOR

JAYME ALMEIDA SCHMITZ

Aluno do Curso de Graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora